

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA  
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL  
UNAT-BRASIL  
POS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**O PEQUENO PROFESSOR**  
**UMA REFLEXÃO SOBRE A ESTRUTURA, O DESENVOLVIMENTO**  
**E A EVOLUÇÃO DO ADULTO NA CRIANÇA**

**TÂNIA ELIZABETH CAETANO ALVES**

**PORTO ALEGRE**

**2013**

**TÂNIA ELIZABETH CAETANO ALVES**

**O PEQUENO PROFESSOR**

**UMA REFLEXÃO SOBRE A ESTRUTURA, O DESENVOLVIMENTO  
E A EVOLUÇÃO DO ADULTO NA CRIANÇA**

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Orientadora: Jane M P Costa

Porto Alegre - RS

2013

# O PEQUENO PROFESSOR

## UMA REFLEXÃO SOBRE A ESTRUTURA, O DESENVOLVIMENTO E A EVOLUÇÃO DO ADULTO NA CRIANÇA

### THE LITTLE PROFESSOR

REFLECTION ON THE STRUCTURE, DEVELOPMENT AND EVOLUTION OF THE ADULT IN THE CHILD

Tânia Caetano Alves<sup>1</sup>

UNAT-BRASIL - União Nacional de Analistas Transacionais - Brasil  
Faculdade JK de Tecnologia

#### RESUMO

De acordo com o conceito de *Script* de Vida, desenvolvido por Eric Berne, o destino de cada indivíduo é esboçado em seus primeiros anos de vida. A subdivisão do Estado de Ego Criança, conhecida como Adulto na Criança ou Pequeno Professor, é a responsável por decodificar o mundo através de intuição e pensamento analógico e, assim, de uma ou de outra forma, garantir a sobrevivência física e emocional. O propósito deste artigo é qualificar e reconhecer, através do estudo do cenário anatômico, fisiológico e emocional no qual o Adulto na Criança se desenvolve, seu relevante significado na formação da personalidade. Através de uma revisão bibliográfica e exemplos da sua prática, a autora sugere que, tanto a energia como a sabedoria peculiar contidas no Adulto na Criança, podem estar presentes na vida adulta, de forma positiva, mesmo que os eventos que formaram esta estrutura tenham sido dramáticos.

**PALAVRAS CHAVE-** Estado de Ego Criança, Adulto na Criança, Pequeno Professor, Representações Generalizadas, Desenvolvimento Evolutivo.

#### ABSTRACT

According to the concept of the Life Script, developed by Eric Berne, the fate of each individual is sketched in the early years of his life. The subdivision of Child Ego State, known as Adult in the Child or Little Professor, is responsible for decoding world throughout intuition and analogical thought and, thus, in one way or another, having physical and emotional survival guaranteed. The purpose of this article, is to qualify and recognize the Adult in the Child and its relevance in the construction of personality trait, by studying the anatomic, physiological and emotional scenario in which the Adult in the Child develops itself. The author suggests that this peculiar stamina and the wisdom, held in the Adult in the Child, might be present in adult life in a positive manner, even if the events that structured it must have been dramatic.

**KEY WORDS-** Child Ego State, Adult in the Child, Little Professor, Generalized Representation, Evolutionary Development.

<sup>1</sup> Médica formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Certificada Clínica da União Nacional de Analistas Transacionais-BRASIL. -UNAT-BRASIL. Atua como psicoterapeuta.  
e-mail- taniaea@terra.com.br

## **Introdução**

"Olha, a lua tá voando"

Davi, 2 anos

A observação de crianças tem sido uma constante em minha vida há mais de 30 anos, inicialmente como pediatra e após como analista transacional clínica.

Em todos esses anos, tanto o envolvimento direto com as crianças como o envolvimento com as Crianças vislumbradas de pacientes adultos, tem tornado cada vez mais consistente meu encantamento e admiração pela imensa e corajosa jornada com a qual todos os seres humanos se deparam em seus primeiros anos de vida.

Como alienígena em um planeta desconhecido, a criança, ao nascer, tem, como tarefa de sobrevivência, o aprendizado de como ver, ouvir, andar e se comunicar neste novo meio.

Talvez, durante toda sua vida não volte a se deparar com algo tão complexo e desafiador.

Para tanto, se faz necessário um aparato que não só possa dar conta da tarefa como seja capaz de evoluir constantemente ao longo da vida.

O objetivo deste trabalho é estender a reflexão sobre esta subdivisão do Estado de Ego Criança- o Adulto na Criança- contextualizando o cenário no qual se desenvolve e salientando sua tarefa no processo do desenvolvimento, dentro da teoria da Análise Transacional.

### **O Cérebro da criança.**

De acordo com Marta Pinheiro(2007) e Lewis e Wolkmar (1990), o desenvolvimento do cérebro da criança ocorre conforme o descrito a seguir.



O cérebro começa a se formar entre a terceira e quarta semana de vida intrauterina, no chamado período embrionário, quando o embrião mede aproximadamente 0,5 cm.

O sistema nervoso se origina de um dos três folhetos embrionários, o ectoderma, que é a estrutura que está em contato com o meio externo.

A partir de um espessamento longitudinal deste ectoderma, surge a placa neural que, posteriormente em seu desenvolvimento - 5ª semana -, se enrola formando o chamado tubo neural que permanece no interior do embrião, envolto pela futura epiderme e dá origem às vesículas encefálicas primitivas.

As células tronco neurais, que são células tronco embrionárias que se especializam na formação do sistema nervoso central, formam as células precursoras que, por sua vez, vão formar os neurônios e as células gliais.

A intensa proliferação destas células, neste período, bem como o processo de migração dos neuroblastos para as diferentes regiões do sistema nervoso, a agregação seletiva dos jovens neurônios afins, a diferenciação e maturação dos neurônios e a formação das sinapses vão construindo uma situação tal que, com 24 semanas de gestação, o cérebro do bebê já está quase completo, formado por bilhões de neurônios e com trilhões de conexões.

Ao nascimento, o cérebro pesa, em média 350 gramas, tem várias estruturas ainda imaturas e o processo de mielinização ainda está inacabado.

Este cérebro ainda imaturo e flexível é bombardeado com um fluxo infindável de estímulos vindos tanto do meio externo como do meio interno, através da percepção de novas sensações que ainda não são passíveis de serem filtradas ou bloqueadas.

Portanto, a evolução do cérebro é dinâmica e biológica, desenvolvendo-se com as respostas que dá ao meio.

O cérebro da criança possui centenas de trilhões de conexões, mais sinapses do que pode usar- 50% acima da média adulta- sendo, portanto, as experiências que determinarão quais as conexões que ficam e quais se perdem.

Bilhões de neurônios, trilhões de conexões, energia elétrica e química, o cérebro da criança, desde o nascimento ou até antes disto é um sistema apto a aprender com o meio externo e disto selecionar informações que serão classificadas e gravadas nas diversas redes neurais.

Cada vez que o bebê usa seus sentidos como forma de percepção do seu entorno, uma conexão é formada. Conforme estas vivências se repetem, as conexões cerebrais se intensificam. Podemos dizer que as conexões são aprendizados ou caminhos que são gravados e vão construindo a forma como a criança pensa, sente, fala e faz.

Eric Berne, a partir de seus estudos, baseados no trabalho de Penfield e Federn, definiu Estados de Ego como "sistemas coerentes de pensamento e sentimento manifestados por padrões de comportamento correspondentes" (BERNE, 1972.p.25).

Observando que os pacientes podiam ser vistos passando de um estado mental e de um padrão de conduta a outro, Berne inferiu a existência de três órgãos psíquicos: a Exteropsique, a Neopsique e a Arqueopsique, que se manifestam fenomenológica e operacionalmente como os três Estados do Ego Pai, Adulto e Criança (BERNE, 1961).

No mesmo livro, *Análise Transacional em Psicoterapia*, Berne sugeriu a hipótese de que os Estados do Ego infantis, existentes como relíquias no adulto, poderiam ser revividos através de várias circunstâncias que envolviam, de uma ou de outra forma, a estimulação cerebral como sonhos, hipnose, psicose, intoxicantes farmacológicos e estimulação direta do córtex temporal, além da possibilidade de haver atividade espontânea durante o estado de vigília (BERNE, 1961).

Vários analistas transacionais, entre eles, JenniHine e James Allen, tem buscado entender onde e como acontecem, neurologicamente falando, os órgãos psíquicos e suas manifestações – os Estados de Ego.

JenniHine, tanto em seu artigo *Estruturas da Mente e Estados de Ego* (HINE, 1997) como na publicação posterior- *Estruturas Cerebrais e Estados de Ego* (HINE, 2005) faz várias considerações, muitas baseadas no trabalho de Josef LeDoux, sobre ego, *self* e mente, relacionando-as com os sistemas Pai, Adulto e Criança.

Várias destas considerações são especialmente interessantes para a presente reflexão sobre o Estado de Ego Criança:

Sobre o *Self*-Hine entende a formação do *self*, "nossa identidade, a essência de quem somos" (HINE, 2004. p. 60), como um movimento



gradual, a partir de conexões neurais únicas, construídas pelas experiências, também únicas de cada pessoa.

Em seu estudo, Hine apresenta várias considerações sobre o entendimento do *self*, ressaltando a natureza neurológica deste e, para ilustrar isto, cita LeDoux (2002,p. 2) que diz: "Dada a importância da transmissão sináptica na função cerebral, seria praticamente uma redundância dizer que o *self* é sináptico. O que mais poderia ser?"

Uma outra consideração importante é a participação da memória na composição do *self*, tanto a memória explícita como a implícita, ambas construindo nossa identidade e não só os conteúdos dos quais somos conscientes.

Sobre Representações Generalizadas- Hine descreve uma Representação Generalizada da seguinte forma:

Uma RG pode ser entendida como um conjunto de percepções que adquiriram significado mental porque convergiram através do tempo e com a repetição tornaram-se interconectadas... sendo ativadas sempre que um sinal familiar estimula qualquer uma de suas partes componentes.(HINE, 2004.p.64)

Segundo a autora,uma Representação Generalizada de um evento – entendendo-se como evento a ocorrência de inúmeros tipos de experiências físicas ou mentais – é o conhecimento e as reações a este conhecimento que são construídas pelas percepções de diferentes ocorrências de fatos semelhantes até que este se torne o estereótipo esperado para futuras ocorrências da mesma experiência.

Hine diz ainda que uma Representação Generalizada é constituída por um padrão de conexões mentais ou neurais que, ao longo do tempo, foram sendo reforçadas até se tornarem passíveis de ativação através do aparecimento de um estímulo familiar.

A seguir um exemplo que ilustra essa afirmação:

A., desde antes dos seus dois anos de idade, possuía e conhecia uma zebra de pelúcia como Zezé. Esta mesma figura, com dois olhos e listras escuras e claras, podia também ser reconhecida quando

aparecia em livros ou em outros papéis. O evento Zezé se repetiu de várias formas, nas muitas experiências que teve brincando com o bichinho de pelúcia e com suas imagens que eram sempre chamadas da mesma forma. Um dia, ao olhar para um armário de pinho, apontou e disse Zezé. E, sim, lá estava, no desenho formado pelos veios da madeira, um ponto preto e o esboço de um corpo delineado por linhas claras e escuras: obviamente Zezé. Uma Representação Generalizada.

Sobre Estados de Ego, estados-*self* e Representações Generalizadas-para Hine, cada Estado de Ego reflete uma consciência de si mesmo ligeiramente diferente uma da outra, havendo portanto, um estado-*self* ou uma consciência Pai de mim mesmo, uma consciência Adulta de mim mesmo e uma consciência Criança de mim mesmo.

Para a autora em questão, estes estado-*self* ou Estados de Ego são redes de redes de Representações Generalizadas e, embora cada um deles possua pequenas diferenças em suas consciências de si mesmo e personalidades, isto não impede a existência de uma identidade ou personalidade global.

É importante ressaltar que, ao pensarmos sobre Estados de Ego, com este entendimento, fica implícito que estamos nos referindo a áreas cerebrais, mesmo que as áreas relativas a cada um destes estados-*self* ou Estados de Ego se encontrem espalhadas pelo cérebro e não concentradas em uma só região, como se vê a seguir:

O funcionamento de um de nossos estados-*self* P-A-C é, portanto, a totalidade de um estado particular de ativação mental em resposta aos sinais de pessoas ao nosso redor ou sinais de origem interna, formado e condensado através do tempo como sistemas complexos de Representações Generalizadas interconectadas (HINE, 2003, p.66).

Para Hine, as diferentes manifestações dos Estados de Ego se devem ao fato de terem se formado usando caminhos neurais diferentes que ativam diferentes padrões de redes neurais ao receberem estímulos externos ou internos.



## Formação do Estado de Ego Criança

Nos anos entre o nascimento e os cinco anos, mais ou menos, vai se formando, através das várias experiências e vivências da pessoa, nesta época, o Estado de Ego Criança e suas subestruturas.

Assim como cada Estado de Ego tem características próprias, também podemos, através da Análise Estrutural de Segunda e Terceira Ordem, identificar as subdivisões dos Estados de Ego, cada uma delas com estrutura e conteúdo próprio.

O Adulto na Criança é uma destas subestruturas e, para melhor refletirmos a respeito de sua constituição, é preciso contextualizá-lo como parte do Estado de Ego Criança.

Bernedescrive o Estado de Ego Criança como "um conjunto de sentimentos, atitudes e padrões de comportamento que são relíquias da própria infância do indivíduo" (BERNE, 1961, p. 72).

Alguns anos depois, Berne se referiu ao Estado de Ego Criança dizendo que "cada ser humano carrega dentro de si um menininho ou uma menininha que sente, pensa, age, fala e reage de forma semelhante à que fazia quando ele ou ela eram crianças..." (BERNE, 1972, p.25).

Segundo ele, esta Criança deve ser entendida, pois, além de acompanhar a pessoa por toda sua vida, também constituirá a parte mais preciosa de sua personalidade.

Embora não se saiba exatamente quando inicia a consciência da existência, sabemos que, já antes do nascimento, o bebê tem condições de perceber estímulos provenientes do meio, tanto interno quanto externo embora, neste período, a criança vivencie a si mesmo e ao ambiente como um todo.

Segundo Schiff (1986), os acontecimentos mais decisivos durante o período intrauterino são os que acontecem com os pais e como isto se reflete sobre a fisiologia e a saúde da gestante e, conseqüentemente, do bebê.

Para este, além da experiência de seu próprio desenvolvimento físico, nesta etapa ocorrem as primeiras percepções de ritmos. A criança ainda não nascida já percebe os ritmos de seu próprio corpo e, também, os do corpo de sua mãe.

Segundo Hine(2004), a formação das Representações Generalizadas começa bem antes do nascimento, proveniente da vivência de sensações corporais e continua a ser construída, de forma mais ativa, nos primeiros anos de vida, através também, das experiências emocionais precoces e das interações diárias da criança com quem cuida dela.

Ao nascer, a visão do bebê é como uma fotografia desfocada e o cérebro ainda imaturo não consegue lidar com tudo que vê. Devido à imaturidade das células nervosas da retina e do córtex cerebral, a acuidade visual ao nascimento é muito baixa.

Os recém-nascidos são capazes de fixar a atenção aos estímulos de contraste forte, vendo formas desfocadas, como imagens pretas e brancas e em tons de cinzento.

Isto vai evoluindo de modo que, com um mês, a atenção do bebê estará mais direcionada para as extremidades e contornos da cabeça e do rosto, com dois a três meses iniciará a observar os olhos e a boca e, com mais ou menos cinco meses, conseguirá perceber a face como um todo.

A cor é percebida ao mesmo tempo e se estima que a acuidade visual evolua de muito baixa em bebês de 2 semanas de vida até alcançar uma semelhança com a acuidade dos adultos por volta dos 5 anos de idade (LEWIS E WOLKMAR,1990).

Os bebês escutam ao nascer e sua acuidade auditiva vai se aperfeiçoando rapidamente nos primeiros dias de vida, continuando durante os dois primeiros anos.

Com uma semana de vida podem reconhecer a voz de suas mães e, já ao nascer, são capazes de identificar a localização de uma fonte sonora.

Quanto aos sentidos do paladar, olfato e tato, sabe-se que ao nascer, os recém-nascidos discriminam sabores doces assim como os outros tres sabores básicos- sal, amargo e ácido,possuindo também uma boa capacidade olfativa e uma capacidade tátil em desenvolvimento.

Apesar de estimar-se que só 40% do hipocampo esteja maduro ao nascimento, os bebês logo reconhecem e são capazes de lembrar da voz, do rosto, do cheiro e do gosto da mãe embora, inicialmente, sua memória seja curta. Com um mês, uma criança pode lembrar-se de um móbile por cerca de



24 horas, enquanto aos cinco ou seis meses, poderá lembrar-se por várias semanas de um objeto visto por poucos minutos.

O fato do bebê ser capaz de ver, cheirar, ouvir e lembrar, mesmo que de uma forma não totalmente desenvolvida, cria a possibilidade de vivenciar experiências não rítmicas e de dar significado a elas.

Segundo Schiff (1986), a percepção dos olhos, do cheiro e do sorriso da mãe é uma destas experiências não rítmicas que assinalam o início da simbiose.

Este é o período da formação da Criança 1 (C1), composta pelas subdivisões C0, A0 e P0.

JenniHine (1997) se refere à C1 como um subsistema especializado, muito sensível à estimulação interna, que se forma ao nascimento, ou ainda na vida intrauterina, através da criação de Representações Generalizadas de estímulos físicos e emocionais provenientes do meio interno e externo.

Entende-se por C0 (Criança Zero) a criança biológica, com a parte instintiva e as reações reflexas aos estímulos, próprias dos humanos.

A C0 é quem somos quando nascemos, seres rudimentarmente instrumentalizados para a sobrevivência e a sociabilidade - o *self* emergente.

Não só nascemos aptos a ver, ouvir, sugar e pegar de forma altamente específica, como de vincularmo-nos em nossas primeiras horas de vida (LEWIS E WOLKMAR, 1990).

Segundo Allen (1997/1998), os Estados de Ego precoces (C1, A1 e P1) se desenvolvem basicamente na presença do cérebro direito e do Sistema Nervoso Vegetativo Simpático, o que explicaria as características de excitação e alegria da criança e o pensamento analógico.

A subestrutura designada por A0 começa a desenvolver-se ao redor do momento do nascimento.

De acordo com Schiff(s/d), o início de A0 (Adulto Zero) ocorreria no momento em que se inicia o reconhecimento de certos estímulos familiares, o que resulta numa resposta somática suficientemente significativa para C0 para que seja lembrada.

Esta colocação nos remete, pela semelhança, ao conceito de Representações Generalizadas citado anteriormente.



Esta subestrutura de C1- A 0 – vai ser a responsável pelo aprendizado obtido através da experiência.

Entre os 2 e 4 meses, o bebê começa a perceber que há uma relação entre a sensação interna de fome, o ato de chorar e sugar e a resposta do meio externo a isto. A associação destas situações vai possibilitar que a criança faça uma relação entre estas ações e o resultado final da experiência, que será a ingestão do alimento.

Esta ponte comportamental – Fome- Choro- Alimento- neste momento mediada pelo Adulto da Criança, ainda em formação, é, segundo Schiff (1986), o início do aprendizado do pensar.

O início do desenvolvimento de P0 (Pai Zero) ocorre quando o bebê começa a desenvolver respostas adaptativas ao meio e representa a incorporação do Pai que se relaciona com as necessidades mais básicas da criança.( SCHIFF,1977).

As mensagens relativas a P0 costumam ser somáticas e não verbais.

As estruturas formadoras da C1(C0, A0 e P0) são as funções organizadas mais primitivas e, conforme forem sendo elaboradas e diferenciadas, irão propiciando o desenvolvimento da personalidade.

Quando a criança tem entre 5 e 6 meses, a subestrutura C1 está formada e outras duas subestruturas do Estado de Ego Criança começam a desenvolver-se.

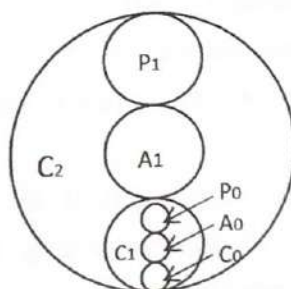


FIGURA 1

Desenvolvimento do Estado de Ego Criança proposto por Shea Schiff (1977, p. 312)

P1- Pai na Criança- Embora existam diferentes opiniões a respeito de quando a estrutura P1 começa a se desenvolver, vários autores que se

dedicaram ao estudo do desenvolvimento evolutivo apontam o período entre 12 meses e 3 anos para o início da formação de P1.

Schofield que fez um estudo comparativo do desenvolvimento infantil em Análise Transacional, cita Levin-Landheer, Mavis Klein e Schiff entre estes autores (SCHOFIELD, 1992).

É neste período, entre 1 e 3 anos, que a criança costuma ser treinada para o controle dos esfínteres e é também o período em que as figuras parentais se tornam mais restritivas, sendo o NÃO uma palavra muito usada tanto pela criança como pelos pais.

Segundo Schiff (s/d), nesta época a criança começa a conceituar e o Pai, que vai sendo desenvolvido, é uma fantasia de um pai externo que tanto poderá ser negativa como positiva.

Este pai externo fantasiado, ao ser incorporado, servirá como figura parental repressora que possibilitará que a criança seja condicionada.

Berne (1972) chamou o Pai na Criança de Eletrodo. Segundo ele, quando o Pai na cabeça de Jeder-personagem criado para designar um homem qualquer- aperta o botão, este pula, não importando se suas outras partes querem ou não.

Steiner (1974) se refere a esta subdivisão do Estado de Ego Criança como Pai Tira e explica o nome dizendo que este Pai Tira tem por função forçar as pessoas a fazer coisas que não querem fazer.

Ainda segundo Steiner (1974), o Pai na Criança (P1) e o Pai (P2) apresentam algumas características em comum como o fato de ambos serem estruturas parentais, com comportamentos parentais aprendidos de figuras externas.

Porém, apesar do Pai na Criança poder se comportar de forma aparentemente protetora, o real apoio e proteção vem de P2. A potência da subdivisão P1 vai se direcionar para atitudes opressoras e para condicionamento.

Segundo Berne, a grande diferença entre um animal treinado e um animal domesticado é que "um animal treinado obedecerá à voz do dono quando ouvi-la; um animal domesticado não necessita ouvir o som desta voz, pois o carrega em seu cérebro" (BERNE, 1972. p.66). Encerra este tópico dizendo que a criança é o animal mais domesticado de todos.



Uma outra forma de olhar para esta estrutura(P1) é a proposta por Hargaden e Sills (2002). De acordo com as autoras, a criança, ao vivenciar uma experiência negativa relacionada com o meio externo, pode se perceber incapaz de lidar com os sentimentos advindos disto. Estes sentimentos, não sendo processados de forma adequada, podem ser vivenciados como algo intolerável para a criança. Para conseguir manejá-los, a criança os guarda como que separados dela, empurrados para dentro da estrutura P1.

A utilidade disto é que, desta maneira, a criança pode conviver com sentimentos que, de outra forma, seriam ameaçadores, fazendo de P1, portanto, um espaço para conter introjeções e partes negadas do self.

### **A1- Adulto na Criança-**

Berne se referiu ao Adulto na Criança como um estudioso aguçado e perceptivo da natureza humana a quem chamou de Pequeno Professor.

Existem várias opiniões a respeito da idade em que se inicia o desenvolvimento do Adulto na Criança, sendo que a maior parte dos autores que se referem a esta questão aponta os 6 meses como a idade a partir da qual o A1 se estrutura (SCHOFIELD,1992).

No período dos 6 aos 12 meses ocorre uma mudança importante no significado emocional dos relacionamentos. Até então, muitas pessoas diferentes podiam satisfazer a necessidade de atenção do bebê. Nesta nova fase, com o início da individuação, a criança percebe a mãe como o outro, uma estrutura separada dela. É o auge da consciência da simbiose.

Entre 6 e 9 meses a criança expressa de forma clara e intensa que outras pessoas que não a mãe a perturbam. O bebê já pode recordar do rosto da mãe e perceber as diferenças quando compara sua lembrança com outros rostos.

O Adulto na Criança está envolvido nesta internalização da figura da mãe ou do adulto cuidador de forma que a lembrança da face da mãe possa ser usada não só para comparação, mas para reter a imagem dela em sua ausência.

Hine (1997) se refere a A1 como um sistema cognitivo pré-lógico muito sensível à sugestão de urgência nos estímulos tanto internos, como



fome, quanto externos, como a percepção de sinais que indicam que a mãe está prestes a sair do ambiente no qual a criança se encontra.

O Pequeno Professor pressupõe um aprendizado com propósito e muito do aprendizado do início da vida, está relacionado a questões de sobrevivência. O bebê precisa de alguém que o cuide para sobreviver. Portanto, a atenção intuitiva de A1 para urgência guia a atenção da criança para estímulos importantes, como o afastamento da mãe, tratando de aprender formas para evitar que o afastamento aconteça.

A maior parte dos bebês chora ao se verem separados de suas mães e as acolhem, em seu retorno, com sinais claros de prazer, embora possam também vocalizar sons queixosos em meio aos gritinhos e risos.

Hargaden e Sills (2002) referem-se a A1 como sendo a representação das tentativas da criança para compreender a si mesma, aos outros e ao mundo. Este entendimento se baseia nas experiências de C1 e nos padrões dos relacionamentos posteriores.

Segundo as autoras, A1 é a base da personalidade da criança e se apresenta de duas formas, A1 positivo e A1 negativo.

O A1 positivo é a autoimagem que é mantida pelas mensagens de Contrascript, estando o senso de Okeidade relacionado com a retenção do vínculo com o outro e com a bem sucedida adaptação da criança a estas mensagens.

O A1 negativo consiste na apropriação, pela criança, daqueles momentos em que ela se sente não Ok e vivencia injunções negativas.

Se as necessidades da criança forem atendidas e sua percepção a respeito de si mesma for positiva, estas duas facetas de A1 se integram, proporcionando à criança um senso de Okeidade sobre si mesma.

Berne (1972) referia-se à forma de pensar analógica do Pequeno Professor como pensamento marciano. Segundo ele, a língua marciana traduz as palavras para o seu real significado em termos de resultados e permite que a criança descubra o que seus pais realmente desejam.

A tarefa do Adulto na Criança é intuir e pensar marciano no intuito de buscar caminhos para a sobrevivência. E fará isto como uma criança pequena pode fazer- usando intuição e magia.

É importante que visualizemos a pessoa de quem estamos falando. Quando a energia está se direcionando para o desenvolvimento do A1 a criança tem de 6 meses até mais ou menos 3 a 4 anos.

Estamos falando, portanto, de uma pessoa que tapa os olhos para que não a vejam, que sabe ler os sutis sinais que os adultos importantes para ela emitem, que, após refletir e questionar, conclui que a água do mar se origina do cuspe dos peixes, que está aprendendo a falar e cantar e controlar os esfíncteres. Que há pouco aprendeu a andar.

Berne(1972) sugeriu que a estrutura adulta desta época com a qual a criança conta para desvendar o mundo, o Pequeno Professor, serve de equilíbrio entre duas formas de comportamento, a Criança Adaptada e a Criança Natural, decidindo a cada momento que tipo de conduta liberar ou reprimir para manter-se vinculado aos pais ou cuidadores.

O comportamento da Criança Adaptada consiste em evitar comportamentos que não sejam adaptativos, enquanto o comportamento da Criança Natural é espontâneo e expressivo, perigoso para o A1, que busca a adaptação social.

Os mecanismos de defesa que o Pequeno Professor utiliza para moldar a Criança Adaptada e para conter a Criança Natural são necessariamente fantasiosos e limitados.

Abreu e Lima (1988) abordou este tema e, segundo ela, o Pequeno Professor, mediante situações ambientais adversas, organiza poderosos mecanismos de defesa, de forma fantasiosa e mágica para esconder a Criança Livre, o próprio "si mesmo" e moldar a Criança Adaptada, mais adaptável e menos autêntica.

De acordo com este aporte, o Pequeno Professor, ao sentir-se ameaçado, estrutura e modela sem limites. E prende e silencia as reivindicações da Criança Livre.

Ainda segundo Abreu e Lima (1988), esta conduta defensiva desenfreada do A1, frente ao ambiente inóspito, pode se tornar perigosa, pois esta resistência de defesa se transforma na criança Esfinge, astuciosa, destruidora, enigmática e perversa, que tem por sentido de existência a repressão da Criança Livre.



O A1 é esperto, intuitivo e aéreo. Luta pela sobrevivência da maneira que lhe parece mais eficaz.

O tipo de pensamento que o Adulto da Criança externa e que fascina a todos nós que achamos as crianças pequenas, em sua maioria, engraçadinhas e encantadoras, não revela a façanha interna que ocorre nos primeiros anos de vida; que não é engraçada, mas sim, dramática.

Também English (1969), ao descrever o *Episcript* ou o Jogo da Batata Quente, refere-se a esta determinação do Pequeno Professor que, estando instintivamente comprometido com a vida, recorre ao pensamento mágico para, ao mesmo tempo, atender sua prioridade que é a busca de carícias parentais e defender-se das Injunções.

Porém, por mais ágil e firme em seu propósito que seja o Adulto na Criança, não consegue resistir à força das Injunções. Para resolver isto, estabelece o *Episcript*- "um enredo secreto baseado no pressuposto mágico de que as tragédias das pessoas podem ser evitadas se forem repassadas para um objeto de sacrifício, uma vítima ou um bode expiatório." (ENGLISH, 2005, p.306).

Ainda segundo English, existe uma crença, um plano secreto ao qual o A1 adere ou constrói, que consiste em manipular o *Script* de forma mágica e passá-lo para outra pessoa, na tentativa de evitar o Final Hamártico do *Script*.

Assim, o C2, Estado de Ego Criança completo, é formado por estas três instâncias, vigorosas e intensas, C1, A1 e P1.

E qual é o destino do Pequeno Professor e do Estado de Ego Criança, como um todo, após a infância?

Berne se posicionou a respeito do Estado de Ego Criança - C2- de duas formas diferentes. Numa delas, via C2 como um Estado de Ego arcaico e patológico, composto por conteúdo fixado, resultante de trauma relacionado, por exemplo, com necessidades não atendidas (BERNE, 1961). Em outra, via a Criança como a parte mais valiosa da personalidade do indivíduo, que o acompanharia por toda a vida (BERNE, 1972).

Analistas Transacionais envolvidos com este tema tem se posicionado de uma e de outra forma, conforme seu entendimento da questão.

Stewart (2001) observa que estes posicionamentos são decorrentes da forma como os profissionais de Análise Transacional definem Pai, Adulto e



Criança. Se a Criança for entendida somente como material fixado e questões não resolvidas da infância, será vista como algo do qual devemos nos livrar, por seu potencial patológico. Segue dizendo que, se ao invés disto, a Criança for entendida como sendo toda nossa experiência do passado, contendo tanto os elementos do *Script* como material infantil autônomo, então poderemos percebê-la como fonte de energia e intuição na vida adulta.

Outros analistas transacionais tem um entendimento semelhante, entre eles Clarkson(1988) e Goulding & Goulding(1988).

BLACKSTONE afirma que:

o(s) estados(s) de ego Criança de qualquer pessoa é indiscutivelmente saudável. Quanto maior for o trauma com que alguém lidou na infância, mais saudável é sua C2, porque sua estrutura e função mostram como a criança venceu com sucesso os obstáculos significativos a fim de ter um presente. A infância pode não ter sido saudável, mas o(s) estado(s) de ego será. (BLACKSTONE, 2005, p. 255).

Hargaden e Sills (2002) sugerem que, quando houve uma infância suficientemente saudável, C 2 abrange, em sua organização interna, os elementos constituintes dos Estados de Ego mais precoces, integrados de forma que o *self* possa ser percebido como algo coeso.

E mais: "... que a Criança, embora certamente sendo limitada pelas imperfeições de sua parentalização e do meio, situa-se seguramente como o confiável âmago do Adulto" (HARGADEN & SILLS, 2002, p. 27).

### Considerações Finais

Seres humanos são como colchas de retalhos na tentativa, mais ou menos bem sucedida, de costurar suas experiências boas e más na busca de um senso de *self*.

Desde antes do nascimento, nossas percepções do meio interno e externo vão se organizando em Representações Generalizadas do mundo que são ativadas quando sinais do meio estimulam uma de suas partes.

Estados de Ego, como o Estado de Ego Criança, podem ser entendidos como redes de redes de Representações Generalizadas, portanto, rotas

neurais, com um imenso número de neurônios e conexões sinápticas passíveis de serem ativadas por estímulos familiares, com significado.

Os Estados de Ego precoces – C1, A1 e P1 – com seus conteúdos diversos provenientes da interação com o meio, se organizam com o propósito premente de se relacionar com o outro, pais ou adultos cuidadores, aprendendo a decodificar o que as figuras parentais realmente querem e como se desenvolver em meio à interação criança-quem cuida dela.

A subdivisão A1, o Pequeno Professor, está especialmente comprometida com a sobrevivência, tendo que descobrir a melhor maneira de manter o vínculo com as figuras parentais enquanto tenta se livrar das Injunções dadas por estas mesmas figuras.

É um “adulto” ingênuo e astucioso que busca alterar a realidade para suprir necessidades básicas, sendo seus recursos a intuição, o pensamento marciano e a fantasia.

Enquanto busca se apropriar e metabolizar o todo de suas experiências, depara-se com situações adversas, nas quais o resultado de interações nocivas e inadequadas é defensivamente fixado e isolado, sendo este material pouco acessível para mudança.

Após a infância, o Estado de Ego Criança, C2, formado pelo registro dos acontecimentos da infância da pessoa, com suas percepções peculiares, decisões básicas e conclusões, segue passível de ser ativado através das redes de Representações Generalizadas que respondem a sinais corporais e emocionais e também a estímulos transacionais de figuras que evoquem as figuras parentais.

Se pudermos ter presente que, quando crianças, munidos de instinto, desejo e um punhado de “moedas perfeitas e deformadas” (BERNE, 1961, p.50), ousamos esboçar nosso futuro, então talvez possamos nos sentir mais fortalecidos para lidar com a memória destes fatos.

Finalmente, só resta reafirmar o desejo de que, como analistas transacionais, possamos recuperar e ajudar outras pessoas a recuperarem a energia e sabedoria da Criança, para que nos tornemos pessoas adultas que acreditam em magia.

“As pulgas saltam tanto porque também tem pulgas”

Mário Quintana, 77 anos.



## REFERÊNCIAS

ALLEN, James; ALLEN, Barbara. **Therapeutic Journey: Practice and Life**. Oakland: TA Press, 2005.

BERNE, Eric. **Análise Transacional em Psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1985.

BERNE, Eric. **O que você diz depois de dizer olá?** São Paulo: Nobel, 1988.

BLACKSTONE, Peg. 'A Criança Dinâmica: Integração da Estrutura de Segunda Ordem, Relações Objetais e psicologia do Self. In: UNAT-BRASIL. **Prêmios Eric Berne 1971-1997**. Porto Alegre: SulianiEditografia Ltda., 2005. p. 251-281.

ENGLISH, Fanita. Episcrypt ou o Jogo da Batata Quente. In: BRASIL, Unat-. **Prêmios Eric Berne 1971-1997**. Porto Alegre: SulianiEditografia Ltda., 2005. p. 306-312.

HARGADEN, Helena; SILLS, Charlotte. **Transaccional Analysis: A Relational Perspective**. Londres: Routledge, 2002.

HINE, Jenni. Estruturas Cerebrais e Estados de Ego. **Revista Brasileira de Análise Transaccional**. Ano XIII, v.1/ Ano XIV, v.1. Porto Alegre/RS. Jun. 2003, Jun. 2004. p.59-80.

HINE, Jenni. Mind Structure and Ego States. **Transaccional Analysis Journal**. V. 4, n. 27, São Francisco/CA. Out. 1997. p.278-289.

LEWIS, Melvin; WOLKMAR, Fred. **Aspectos Clínicos do Desenvolvimento na Infância e Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LIMA, Michelle de Abreu e. A Criança Esfinge: impasse de 3º grau. **Revista Brasileira de Análise Transaccional**: Ano I, n.1. Guarulhos/ SP. Jun. 1988. p.18-35.

PINHEIRO, Marta. Fundamentos de Neuropsicologia- O desenvolvimento cerebral da criança. **Vita Et Sanitas**, Trindade/GO, v.1, n. 1, p.34-47, 2007.

QUINTANA, Mário. **Lili inventa o mundo**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1983.

SCHIFF, Jacqui Lee et al. Leituras do Cathexis: Análise Transaccional Tratamento de Psicoses. **Apostila Organizada Pela UNAT-Brasil**, 1986.



SCHIFF, Jacqui Lee. Uma Discussão sobre Estados do Ego e as Redes de Estados do Ego. **Apostila Organizada Pela Una-AT.**

SCHIFF, Shea. Personality development and Symbiosis. , **Transacional Analysis Journal**, Vol.7, n.4 , São Francisco/ CA, Out. 1977. p.310-316.

SCHOFIELD, David, A comparative TA view of child development, in Clarkson, P. **Transacional Analysis Psychotherapy: A integrated Approach**, Nova York: Routledge, 1992.

STEINER, Claude. **Os Papéis Que Vivemos Na Vida.** São Cristovão: Artenova, 1976.

STEWART, Ian. Estados de Ego e a Teoria da Teoria: o estranho caso do Pequeno Professor. **Revista Brasileira de Análise Transacional.** Ano IX ,v.1/ Ano X,v.1 .Porto Alegre/RS. Jun. 1999, Jun. 2000. p.45-63,